

## PORTAR(IA) SILÊNCIO: O SER-TÃO MIGRANTE DAS PORTARIAS DE EDIFÍCIOS DA CIDADE DE SÃO PAULO

João Júnior

*O espetáculo teatral Portar(ia) Silêncio é uma espécie de diário-manifesto migrante que foi criado a partir dos depoimentos de nove porteiros da cidade de São Paulo vindos de áreas rurais do Nordeste. O atrito da experiência rural num contexto urbano gera implicações existenciais para aquele que migra. A migração do ator se adensa às camadas dos depoimentos que encontraram nas portarias a metáfora para olhar a cidade. A memória se torna um exercício de resistência, revelando como a cidade se ergue diante do corpo desse migrante, mas também como tal experiência constrói a cidade.*

O sertão do Seridó potiguar é o lugar mais próximo do céu que a minha vista pode alcançar. Deitar no chão da terra seca trouxe uma sensação de que, ao esticar o braço, uma estrela podia ser tocada. É lá que a imensidão se fez vista diante do meu olhar. Há um casamento entre céu e terra que tem o sertanejo como testemunha. Mas as terras secas do Nordeste fazem com que homens e mulheres migrem para as grandes cidades do país.

O fluxo migratório do Nordeste na década de 1950 se deu por conta de uma grande seca. São Paulo se tornou um dos principais lugares de destino do desejo de migrantes que partiram em busca de aplacar o sol que ardia dentro de suas barrigas vazias. Segundo Paulo Fontes (2008), o bairro de São Miguel Paulista, no extremo leste

paulistano, por exemplo, foi se expandindo a partir desse fluxo migratório, que criou ali um Nordeste que se reproduz na oralidade, nas áreas de convívio, no comércio e na vizinhança.

Ao migrante é necessário a reconstrução de boa parte daquilo que lhe garante a segurança existencial. Assim, é fundamental recriar o lugar de origem na cidade. Segundo Fontes, São Miguel Paulista foi se expandindo a partir do estabelecimento de redes sociais pautadas nessa experiência migrante.

O ato de migrar gera implicações existenciais profundas no indivíduo, que parece viver em um estado de suspensão na busca por pertencimento. No silêncio da experiência urbana e na invisibilidade de sua própria condição, o exercício com a memória se faz

estratégia de sobrevivência na aventura que é a cidade. Ela é um oceano inteiro a ser navegado e o devaneio é um exercício constante no processo de sustentação da experiência urbana no corpo.

O recorte aqui apresentado sobre a migração nordestina para a cidade de São Paulo se dá por meio do olhar de homens que encontraram na profissão de porteiro de edifícios e condomínios de São Paulo um meio de sobreviver na cidade, mas também um dispositivo para se relacionar com ela num espaço de trabalho que revela, em seu próprio modelo de operação, as implicações existenciais de um processo migratório.

A busca por elaborar a minha própria experiência migrante me fez abrir o olhar para esse Nordeste que vive em São Paulo e que estava ali invisível aos meus olhos a cada dia que cruzava a portaria do meu prédio. A saudade se agigantava dentro do corpo e a distância me fazia mergulhar nos vazios que foram criados por meio da migração.

A palavra foi se tornando um exercício de comunhão com a memória. Assim, o cumprimento diário na portaria do meu condomínio revelou um sotaque que me trazia a estrela que havia deixado para trás no sertão do Seridó potiguar. Agora era preciso tocar as estrelas para navegar no oceano-cidade.

Severino Lima da Silva migrou de Limoeiro, em Pernambuco, há cerca de 35 anos, para a cidade de São Paulo. O trabalho como porteiro foi o que lhe garantiu aposentadoria e certo nível de segurança na

vida – daquela que ele estava buscando até então, o trabalho.

O processo com Severino se deu a partir de conversas curtas na portaria do edifício em que morava. Aos poucos, ele abria o seu baú de lembranças e me revelava que outros porteiros também vinham das áreas rurais do Nordeste. Rapidamente, fui colocado em uma rede com diversos porteiros da região central da capital paulista.

Os nove depoimentos recolhidos para a construção da dramaturgia do espetáculo teatral *Portar(ia) Silêncio* revelaram traços em comum: o trabalho infantil nas áreas rurais, a curiosidade em relação à cidade de São Paulo, a projeção de uma

vida melhor e o desejo de retorno à terra natal. Porém, o depoimento de Severino trazia a poesia que tanto era necessário reencontrar para dar conta da minha experiência de cidade.

O processo com as entrevistas foi fazendo com que Severino desbravasse sua memória com alegria. Ele estava ali esperando um momento para poder falar de si e revelar, por meio de suas lembranças, que a saudade que eu sentia era partilhada. Cada um, em seu barco, navegava pela cidade mirando as estrelas. Elas agora estavam mais perto e as águas profundas da cidade viravam sertão sob os meus pés.

A cada entrevista realizada, ele fazia questão de tocar alguma música em sua gaita e falar da arte. Do desejo de ser artista. “[...] eu queria ser artista, mas não tenho estudo. mas o artista, assim... ninguém, às

**A saudade se agigantava dentro do corpo e a distância me fazia mergulhar nos vazios que foram criados por meio da migração.**

vezes, nem entende do artista, mas gosta assim mesmo. Eu queria entrar na escola para o professor dá todas as notas. Eu tenho um amigo, Marcone. Ele sabe tirar todas as notas no teclado. Ele gravou até um DVD. Mas é difícil esse negócio de artista, porque ele vendeu só dez. Um para a mãe, namorada e o outro para mim. Os outros sete ele vendeu fiado e inté hoje não recebeu [...]”<sup>1</sup>

O depoimento de Severino ecoa até hoje dentro de mim. Migrar é um desejo atendido de expandir-se para o desconhecido. Eu escolhi e atendi o desejo da arte dentro de mim e foi ele que fez eu me lançar na experiência de cidade como um estrangeiro.

Certo dia, encontrei Severino caminhando na rua próxima à minha casa. Ele disse que recebeu suas contas e estava voltando para o sítio. Eu perguntei quando voltaria e ele mudou de assunto. Lançou-me um olhar assustado e desviou a rota da conversa. Parece-me que agora teria que dar conta de tudo isso que viveu, e finalmente se descobrir artista com sua gaita no Sítio Figueira. O trabalho já não era mais aquilo que importava em sua vida, mas seu olhar me fez pensar sobre o tempo da grande cidade. Em São Paulo, corre-se tanto para dar conta do pouco tempo que sobra que trabalhar se torna um estado de ocupar-se e o tempo perde a dimensão da experiência.

Severino agora pode voltar e tocar a estrela que ilumina o céu do sertão, mas parece que para isso vai ter que deixar o tempo se perder novamente dentro dele. Enquanto escrevo, resisto em perder o tempo com estas palavras para que as estrelas estejam sempre ao alcance de minha mão neste céu cinza que me olha agora. **OBS**



## João Júnior

É ator, dramaturgo e diretor teatral. Fundou o Coletivo Estopô Balaio de criação, memória e narrativa, que mantém uma residência artística no Jardim Romano que se dá a partir da relação com a memória social construída pela migração nordestina e pelas enchentes. Dirigiu os espetáculos da trilogia das águas numa relação entre atores, moradores e deslocamento urbano pela linha de trem. Atualmente, desenvolve trabalhos e pesquisas pautados em processos biográficos e autobiográficos.



## Referências

BACHELARD, Gaston. *A poética do espaço*. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

FONTES, Paulo. *Um Nordeste em São Paulo*. São Paulo: FGV, 2008.



## Nota

- 1 Trecho extraído da entrevista realizada com Severino Lima da Silva.